

«A CONVIVENCIALIDADE»

ILLICH, Ivan — *A Convivencialidade*, Lisboa, Publicações Europa-América, Coleção «Estudos e Documentos», 1976.

Ivan Illich notabilizou-se inicialmente pela sua refutação radical da instituição escolar. Daí passou ao «ataque» da instituição médica e do moderno sistema de transportes. Aborda ultimamente (é o caso deste livro) aquilo a que chama «sociedade industrial» com todos os seus mitos: a produtividade, as *mega-máquinas* e os *mega-instrumentos*, o crescimento ilimitado, as políticas sociais, o trabalho, etc., etc. A crítica amplificou-se e radicalizou-se. Na sua caminhada das partes para o todo, Illich parece no entanto ter queimado algumas «etapas». Parecem insuficientes os pontos de partida de Illich para uma crítica global da «civilização industrial», independentemente de estarmos eventualmente de acordo com as suas conclusões. Não que a escola, os serviços de saúde ou os transportes se encontrem, como «serviços», na periferia, à margem do sistema industrial. Mas há outros níveis cruciais (e não apenas a produção industrializada propriamente dita ou a evolução da técnica, como também as relações internacionais, os conflitos socio-políticos, etc.), dos quais a análise deveria também partir. O método crítico illichiano e a sua conceptologia fornecem todavia grandes possibilidades de «exploração» a todos os níveis da realidade industrial. As próximas obras de Illich prová-lo-ão certamente. Já em *Energia e Equidade*¹ o autor abordou outro ponto nevrálgico do sistema industrial mundial, a questão energética, na sequência da «crise» surgida em 1973. Aí se deparam, contudo, ao lado de observações por vezes muito lúcidas resultantes do exame dum aspecto «concentrado» da civilização industrial, juízos um tanto apressados em que talvez se possam identificar sinais de «contaminação» por parte das conclusões inicialmente tiradas em relação aos «serviços».

Como o próprio título deste seu livro sobre a «convivencialidade» o sugere, Illich está a forjar uma linguagem crítica das modernas sociedades industriais. Nestes casos é sempre conveniente investigar se, para além da produção de eventuais novos conceitos, algo mais há a registar. No caso de Illich estamos convictos que sim. Também não nos parece tratar-se de mais um profeta do apocalipse, inventariador estéril de maleitas sociais, fazedor de livros negros ou compilador de estatísticas sinistras. Illich dá a imagem dum autêntico pensador, independente e original, avesso à construção de sistemas perfeitos, pouco dada ao manuseamento de abstracções áridas e negação viva do academismo. Sociólogo marginal, já alguém lhe chamou.

Para não ficar «escandalosamente» sem rótulo político, Illich ainda pode vir a receber, por exemplo, o de socialista libertário ou utópico. *A Convivencialidade* é, com efeito, um manifesto (o termo é do autor) em que pululam as críticas, as ideias e os projectos que de algum modo caracterizam os socialistas ou os anarquistas, com «utópicos» à mistura. Além

¹ Datado no original de Dezembro de 1973, publicado em Portugal em 1975, «Cadernos Livres», n.º 7, Lisboa, Sá da Costa.

disso, Illich refere-se expressamente à necessidade de reformular certos princípios básicos do socialismo, em virtude da predominante interpretação produtivista e tecnoburocrática dessa doutrina. «Comunistas e capitalistas falam a mesma linguagem, medem de modo semelhante o grau de desenvolvimento atingido por uma sociedade» (pág. 43).

O que nos parece mais essencial em toda esta crítica das «sociedades industriais» pode (e deve) ser exposto em confronto com a crítica marxiana do sistema capitalista. Marx disse que o sistema capitalista transformava tendencialmente as forças produtivas por ele engendradas em forças de destruição. Illich vai mais longe, por vezes mais fundo: os «sistemas industriais» não *desvirtuam* forças produtivas «neutras» ou «naturalmente boas» — produzem sim forças destrutivas, isto é, instituições e instrumentos (utensílios) destrutivos. (O adjectivo *destrutivo* é usado exactamente no mesmo sentido que em Marx). É uma crítica fundamental do marxismo, pois que, segundo Illich, não constitui remédio para a destrutividade do sistema a *apropriação social* daquelas instituições e instrumentos. Pela razão simples e definitiva que sendo estruturalmente destrutivos, são estruturalmente inapropriáveis. O que por princípio é incontrolável — pelos indivíduos ou pela colectividade — não poderá ser controlado. (Illich refere que hoje quase todos os instrumentos, no sentido mais lato da palavra, são concebidos de forma a exigir na sua utilização a intervenção de profissionais. Quanto mais eficientes são esses instrumentos, mais a sua produção e funcionamento exigirão a intervenção de detentores do saber altamente especializado). O que por definição é crise não poderá ser «gerido». O que por essência é destrutivo não poderá servir a harmonia entre os homens e o equilíbrio entre os homens e a natureza. Illich admite que certos instrumentos ou instituições possam ser desvirtuados na sua utilização quando, por exemplo, certos tectos ou *limiares* de equilíbrio são ultrapassados. Illich não pretende que a escola ou a instituição médica profissional sejam pura e simplesmente banidas, mas demonstra como o seu crescimento ilimitado e o seu monopólio não acarretam já nenhuma melhoria sensível, antes se saldaram por uma crescente «desutilidade marginal». Mas Illich deixa bem claro que é a *estrutura destrutiva* de certos instrumentos que é determinante, e sem, nomeadamente, uma total reorientação da técnica e da ciência não há «recuperação» possível numa perspectiva socialista. A reconversão estatal-burocrática da sociedade industrial concorrencial é a farsa do tal controlo do incontrolável, da tal utilização construtiva de instrumentos destrutivos.

Marx disse no *Capital* que a *grande indústria* capitalista produziria, «estabeleceria» o socialismo. A classe operária reflectiria essa necessidade histórica levando a cabo uma revolução. Illich diz que os ideais socialistas quedarão meros votos pios sem um *reapetrechamento* da sociedade («substituição dos instrumentos industriais por instrumentos conviviais») e sem uma *inversão* das instituições existentes. *Inverter* expressa em Illich a impossibilidade de *reestruturação* ou, mais ainda, *utilização* das instituições dadas em nome de objectivos diferentes. Para Illich o socialismo é, portanto, «pós-industrial».

As «sociedades industriais» do Leste e do Oeste representam, segundo Illich, cinco grandes *ameaças* à «população do planeta». O autor enumera-as e desenvolve-as separadamente: 1) degradação do ambiente natural, 2) monopólio radical do sistema «industrial» de produção e de serviços, 3) a sobreprogramação do homem, que aniquila o equilíbrio entre o «saber coisificado» e o saber resultante das relações criadoras entre o homem e o

seu ambiente, 4) a eliminação do direito à palavra, a despolitização, a crescente polarização social e 5) o reforço dos mecanismos de usura, obsolescência programada e de criação de «necessidades artificiais». Dado que Illich aponta, por detrás destas ameaças, o produtivismo (convivialidade é o «contrário» da produtividade industrial, segundo o autor), a solução para o estabelecimento dum «equilíbrio multi-dimensional» consistiria antes de mais numa *auto-limitação*, refutação da industrialização e do crescimento ilimitados. Illich retoma assim o elogio da *austeridade* (no sentido de frugalidade «que não exclui todos os prazeres, mas apenas os que degradam a relação pessoal»), que já foi lema de certos anarquistas do século passado, quando se estava ainda longe da actual acuidade das «cinco ameaças».

Outro aspecto importante do seu projecto de convivialidade — e parece-nos que (também) aí se aproxima de certo modo dos socialistas «utópicos», como Fourier e Owen — consiste em que Illich não preconiza uma transformação prévia das macroestruturas económicas ou políticas, nem privilegia a acção duma elite, dum partido ou duma classe social messiânica. Ele aposta antes numa acção no próprio corpo da sociedade «industrial», tendente a *quebrar o monopólio radical* do modo de produção «industrial». O exemplo, a persuasão e o encorajamento à adopção de novos modos de vida dependerão e agirão no sentido da diversificação dos instrumentos e dos modos de produção, todos «válidos e respeitáveis», que é preciso fazer *coexistir*. Illich afirma que todas as outras acções são ineficazes (a substituição ou o aniquilamento dos dirigentes, por exemplo), porque sem uma diversificação dos modos de produção o «equipamento» dado da sociedade reproduz um idêntico tipo de gestão.

Não há «era dourada» da humanidade, nem Illich preconiza o regresso ao passado ou à «natureza». Defende sim que cada época, cada geração pode orientar a técnica em sentidos diversos, senão opostos. No seu livro *Energia e Equidade*, Illich apontava o caso da bicicleta e do veículo a motor que, sendo inventos duma mesma geração, seriam os «*símbolos do avanço do homem moderno em direcção opostas*». (Provavelmente em conexão com a sua apologia da bicicleta, Illich fala em *A Convivencialidade* duma «sociedade montada sobre rolamentos de esferas, que vá ao ritmo do homem», a *sociedade convivial*, assim definida *simbolicamente*). A citada afirmação parece muito contestável, mesmo admitindo que num futuro incerto o veículo a motor viesse a estar condenado ao desaparecimento. Parece-nos mesmo tão pouco evidente que o socialismo *só possa vir de bicicleta*, opinião partilhada por Illich, como aqueloutro princípio segundo o qual o socialismo seria uma criação da grande indústria, e esta a base daquele. No presente livro Illich cita o caso da televisão, que classifica de instrumento anti-convivial ou destrutivo, na medida em que serve a dominação. No entanto, o *videotape*, permitindo a qualquer grupo realizar livremente os seus próprios programas e transmiti-los depois em «*centros video*», representaria o caminho *oposto*, a autonomia, a criatividade, devendo pois ser classificado como instrumento «convivial». Dois comentários imediatos parecem legítimos: para se chegar aos *centros video* foi preciso passar pela televisão tradicional, pelas grandes cadeias televisivas; a televisão centralizada e a televisão autónoma não se opõem, antes se completam ou coexistem como diferentes formas de comunicação. Contudo, mesmo através destes exemplos e das distorções que os seus juízos contêm, Illich consegue dar uma ideia mais ou menos precisa daquilo que realmente entende por *nova orientação da técnica e da ciência*.

O livro de Illich não contém receitas milagrosas, prontas para pôr em prática, por isso ele o intitula apenas de guia para a acção. Como tal o devemos abordar e discutir. Não nos diz o autor como se resolveria numa «sociedade convivial» o problema da habitação, como se farão planos urbanísticos, como se produzirão alimentos suficientes para a humanidade. Nada de concreto nos diz sobre a organização da indústria e do trabalho industrial nos sectores de produção de instrumentos «conviviais». Não analisa a problemática socio-política duma reorientação radical da técnica e da ciência. Muitos outros aspectos não são focados, por omissão mais ou menos voluntária. Porém o valor deste livro — que o autor gostaria de ver submetido à mais ampla discussão — está sobretudo na sua originalidade crítica, na importância das questões que sistematicamente levanta e na criatividade da sua conceptologia.

A tradução, do espanhol para o português segundo exigência do autor, contém, talvez em parte por essa razão, alguns erros lamentáveis. Para além disso, teríamos preferido o termo *convivial* a *convivencial*, *convivialidade* a *convivencialidade*, *utensílio* a *ferramenta*, *apetrechar* a *instrumentar*, *equipamento* ou *apetrechamento* a *ferramental* ou *instrumentação*, etc.

J. Barreto